



Relevância da distinção entre ciência e filosofia do direito

A diferença entre Filosofia do direito e Ciência do direito reside no modo pelo qual cada uma delas considera o direito: a primeira no seu aspecto universal, a segunda no seu aspecto particular.

O pensar e o conhecer para Kant

Segundo Kant, há duas frases clássicas que nos permitem distinguir a filosofia da ciência jurídica;

A 1ª. frase traduz duas perguntas:

Que é direito? (*quid sit juris ou quid jus*) em oposição a outra pergunta:

Que é de direito (*quid juris ?*)

A primeira pergunta está no livro *Princípios Metafísicos da Doutrina do Direito*.¹ Considerando a teoria do direito de forma simplesmente empírica, nós respondemos à pergunta: “Que é de direito?” em um determinado lugar em um determinado tempo. Esta pergunta é como a cabeça de madeira de *fábula de Fedro*.²

A *cabeça de Fedro* era uma cabeça muito bonita, mas que tinha um defeito: ela não tinha cérebro.

A raposa e a máscara de tragédia

“A raposa vira, por acaso, uma máscara de tragédia

Ó quanta beleza”, disse, “não tem cérebro!”

Isto foi dito para aqueles aos quais a sorte (*a fortuna*) atribuiu honra e glória, *entretanto* tirou o senso (*a razão*) comum.”³

¹ KANT, Emmanuel, Introdução à teoria do direito in *Doutrina do direito*, São Paulo: Ícone, 1993, p.44-45

² Fabulista da época dos imperadores Tibério e Calígula, nos primeiros séculos da era cristã, e seguidor de Esopo, **Fedro fez a sátira dos costumes e das personagens da época**. Por isso, com o grande incômodo que causaram as suas críticas, acabou sendo exilado.

³ Comentários: A raposa caminhando, em certo momento do seu percurso, encontra uma máscara de tragédia e fica admirada de tanta beleza nela contida, pega-a e observa que não tem cérebro, pois, só há a face. Esta magnífica fábula nos propõe pelo menos dois aspectos da nossa realidade. O primeiro está relacionado à beleza. Na verdade, o que importa é a essência, enquanto a aparência deve ser desprezada. A raposa, que simboliza o ser humano, se depara com a máscara e a sua beleza virtual e diz: O quanta *species* (“O quanta graça”), porém observamos que somente existia o rosto deste objecto sem vida, o restante estava vazio, já não havia cérebro: *cerebrum non habebat!* Poderíamos cotejar a máscara como se fosse aquela mulher belíssima de semblante que, no seu interior, só possui podridão.

A ideia de Kant, portanto, é que, para nós entendermos o direito precisamos *ir além do conhecimento do direito positivo*, ou seja, buscarmos o conhecimento o conhecimento filosófico.

A 2ª. frase usada por Kant é uma exclamação:

Ai dos vencidos! (Vae victis).

Esta frase é citada no livro, o *Projeto da Paz Perpétua* em que ele diz o seguinte: "o jurista que adotou o símbolo da *balança* do direito e também da *espada* da justiça, serve-se comumente desta última não só para / apartar a balança de toda influência estranha, mas também para a pôr na balança quando um dos pratos não se quer baixar (*vae victis*⁴)"

Esse *ai* dos vencidos em *latim* diz respeito a uma passagem da história romana na qual o general vencedor colocou sua espada na balança para alterar o *equilíbrio da mesma* e aumentar o valor do resgate em ouro dos prisioneiros.

Kant afirma que a classe dos filósofos não pode ser silenciada, os reis e os povos devem deixá-los falar publicamente porque o *poder da filosofia está num nível superior ao nível da ciência*.

A *filosofia* não se subordina às *ciências* como pretendem alguns positivistas, também não é serva da teologia.

Valor da filosofia e dos filósofos para Kant

Kant afirma que é imprescindível, que os reis ou os povos soberanos não deixem desaparecer ou emudecer os filósofos, mas os deixem falar publicamente para elucidação dos seus assuntos, pois a classe dos filósofos,

O segundo comentário é sobre a lição de moral que a fábula encerra. ("Isto foi dito para aqueles aos quais a sorte atribuiu honra e glória, (porém) tirou a \ razão comum".) O fabulista critica os homens do seu tempo que possuem bens materiais e, por isso, adquiriram "honra" e "glória", porém perderam a razão e vivem de aparências, mentiras e falcatruas, sendo que todos estes vícios são representados pela máscara à qual nos referimos.

⁴ KANT - Suplemento segundo. Artigo secreto para a paz perpétua, in *A Paz perpétua e outros opúsculos*, Lisboa: edições 70, 1990, p.150

incapaz de formar bandos e alianças de clube pela sua própria natureza, não é suspeita da deformação de uma propaganda.

O significado da palavra “crítica” para Kant.

Crítica é um termo introduzido por Kant para designar o processo pelo qual a razão empreende o conhecimento de si.⁵ Em outras palavras, significa o julgamento que a razão faz de si mesma para verificar os limites da sua possibilidade no processo de conhecimento.

A tarefa da crítica é ao mesmo tempo negativa e positiva. Negativa enquanto restringe o uso da razão; positiva porque nesses limites garante o uso legítimo dos seus direitos.

Isto é “um livre e público exame”, ou como ele explica " *Chama-se neste sentido, espírito crítico, àquele que não aceita nenhuma asserção, sem se interrogar primeiro sobre o valor da asserção, quer do ponto de vista do seu conteúdo*"

⁵ KANT- Crítica da Razão Pura - prefácio X. Nota.

As fábulas

Muita gente não sabe que a literatura começou com as fábulas. O próprio Cristo usou e até abusou ao transmitir seus ensinamentos por meio de parábolas, que, no fundo, são fábulas com ensinamentos ou advertências morais.

Antes dele, Homero e Vírgílio, em menor escala, também fizeram o mesmo. **Fedro, grego**, e, mais tarde, **La Fontaine**, francês, foram mestres em criar fábulas que ainda hoje pertencem às prateleiras mais nobres da literatura universal.

Uma das mais famosas é a **do lobo e o cordeiro**. Ambos estavam com sede e foram ao mesmo rio ("Ad rivum eundem"). O lobo estava na parte superior do rio, e o cordeiro, na parte de baixo. Depois de algum tempo, o lobo foi reclamar com o cordeiro que estava sujando a água que bebia.

O cordeiro respondeu que não podia sujar a água que o lobo bebia. Indignado, o lobo retrucou, dizendo que o pai do cordeiro, tempos atrás, havia sujado a água que era dele. Avançou sobre o cordeiro e devorou-o.

Essa fábula está sendo repetida nos dias atuais. Um ministro ou outra autoridade qualquer faz uma visita de pêsames à viúva de um tesoureiro qualquer, que era suspeito de ter roubado o dinheiro da nação. Esse simples fato é uma prova de que o visitante era sócio da viúva, que é preso e obrigado a devolver um dinheiro que não roubou.

Juízes, policiais e a mídia repetem a fábula, tão antiga que se tornou atual. Um funcionário honesto toma um ônibus, onde também viaja um suspeito de ter roubado o erário. É o bastante para ser acusado de ser sócio do ladrão, é condenado e trancafiado na Papuda.

O suspeito alega inocência, mas a polícia e a Justiça descobrem que o pai dele, 20 anos atrás, foi padrinho de batizado do filho de um ladrão verdadeiro. Do mesmo jeito, vai acabar na Papuda.